

«Azul marinho e outros» — Fátima Frade Reis

«Para encontrar o azul eu uso pássaros»

Ponto, linha e plano. Desde a primeira década do século XX que Kandinsky vinha estudando, de forma sistemática e reflectiva, aquilo a que denominou Ciência da Arte, e da qual esta triologia kandinskyana consistia um dos fundamentos. Pretendia, desta forma, analisar os elementos [pictóricos], primeiramente os mais simples como ponto e linha, e depois relacioná-los com a superfície, com o plano. Que relações, que ressonâncias, que tensões se vão gerando entre estes três vectores e como conduzem eles, por si e entre si, a essa questão central de a obra de arte ter um cariz espiritual, sem necessidade, portanto, de comunicar alguma mensagem? O ponto e a linha geométricos, esses seres «invisíveis», são os que por acumulação vão construindo uma representação. O ponto entendido, por Kandinsky, como o «única união do silêncio e da palavra», remetendo naturalmente para a escrita, mas também como «o primeiro encontro do utensílio com o plano original». Quando o ponto se expande, transforma-se em linha. A linha é, novamente segundo o autor, «o rasto do ponto em movimento. [...] Dá-se um salto do estático para o dinâmico». Sabemos da geometria elementar que basta uma linha e um ponto exterior a essa linha para se definir um plano.

Fátima Frade Reis junta estes elementos, ponto e linha, que vão sendo compostos, sobrepostos na superfície do papel, em Desenho e Gravura, a aparo e buril, definindo os seus planos. É como um tear que cria um padrão do tempo e de espaço, jogando com a mancha, com os silêncios, com a luz, porém sem a sua outra existência, a sombra. Manoel Barros disse, em seu poema «Deus disse», e Fátima Frade Reis recupera-o nesta série de desenhos em variantes de azul: «Para encontrar o azul eu uso pássaros». Nestes pontos, linhas e planos encontram-se o marinho, o da Prússia, o cerúleo, o cobalto, os outros, algures entre o mar e o céu, na imensidão de ambos. A triologia referida é aqui evocada como forma de sistematizar as composições cromáticas e formais, abstractas também no sentido kandinskyano. A exposição sugere, então, um diálogo entre os (outros) dois planos. Por um lado, o plano horizontal que pela sua orientação e cromatismo remete para o mar e céu, uma linha de horizontal que varia de lugar. Dizia o poeta: «Sei que a voz das águas tem sotaque azul». Por outro, o plano vertical que, nas suas nuances cromáticas e sucessivos planos e formas, nos convoca a um espaço labiríntico, jogando nas suas volumetrias com a ausência ou presença, onde as algas e, algures, porventura escondidos, os pássaros ressoam. Termino: «Não quero a boa razão das coisas. Quero o feitiço das palavras.» E das linhas de Fátima Frade Reis, acrescento.

Ana Matos

Fevereiro de 2025